

# Algumas forças armadas Sul-Americanas em 1907

Tenente Dr. GUILHERME AULER

(Do Instituto Arqueológico e Histórico  
Pernambucano) — Inédito — Especial  
para "A DEFESA NACIONAL"

A perspectiva de 35 anos decorridos proporciona amplos ensinamentos e retifica muitas opiniões. O aparelhamento bélico, o estado dos exércitos dos nossos vizinhos sul-americanos — Argentina, Chile, Perú e Bolívia — foi uma das preocupações de Dom Luiz de Bragança, observador arguto e escritor primoroso. No seu livro magistral *Sob o Cruzeiro do Sul*, encontramos uma documentação interessantíssima, cuja valia é proporcional ao conceito do Autor como militar. Sabemos que o segundo filho do Conde d'Eu cursava a Escola Militar de Viena d'Austria, e, após a conclusão de todo curso, estivera na guerra dos boers. Como observador atento e escritor de viagens, existe o depoimento de outros dois livros: *Tour d'Afrique* e *A travers l'Hindu Kusch*, este merecedor do premio "Malte Brum" da Sociedade de Geografia de França e também laureado pela Academia Francesa. Membro do nosso Instituto Histórico Brasileiro, aos 25 anos de idade, candidatou-se em 1914 a uma vaga da Academia Brasileira de Letras.

Militar, com a virtude de bem compreender os deveres da profissão, na grande guerra provou as suas qualidades, como nos refere o Ten. Cel. A. Jamer, da Missão Militar Francesa adida ao Corpo Expedicionário Britânico, onde ele servia, "Nessas diferentes missões nunca deixou de mostrar-se de uma dedicação a toda prova, de uma animação comunicativa, de um sangue frio notavel nas mais arduas conjunturas, de uma coragem inalteravel no fogo, e de uma compreensão muito para notar-se das situações táticas". Ainda, na Ordem do Dia do Exército francês, em 27-7-1920, há a citação: "...distinguiu-se como oficial de

ligação entre as tropas francesas e inglesas, particularmente em outubro de 1914 e no correr dos primeiros meses do ano de 1915, desempenhando as missões que lhe eram confiadas, com o maior sangue frio, na zona avançada e sob o bombardeio da artilharia inimiga”.

Militar e escritor são os dois títulos máximos do Autor de *Sob o Cruzeiro do Sul*, que herdara do pai, o nosso Marechal das Cordilheiras e herói de Campo Grande, as virtudes do soldado e o gosto de anotar o que observava noutras terras.

Em abril de 1907, Dom Luiz de Bragança embarcou no “Amazone” com destino ao Rio de Janeiro, onde chegou a 12 de maio. Não lhe foi permitido pisar o território nacional, apesar de o Ministro do Interior, dr. Tavares Lira, considerar como inexistente a lei de banimento, uma vez que na Constituição de 91 nada havia que a justificasse.

A solução foi prosseguir a viagem para a Argentina, e daí ele se transportou para o Chile, Perú, Bolívia, Paraguai e Uruguai, donde regressou para a Europa.

A descrição da viagem formou um volume de 460 páginas, dedicadas “Ao Brasil, pátria querida e sempre lembrada, afetuosa homenagem do filho ausente”. Nos seus trinta capítulos, *Sob o Cruzeiro do Sul* encerra material de pesquisa excelente, inclusive páginas históricas de inapreciável valor, como as dedicadas à guerra do Paraguai (capítulos 25, 26, 27 e 28), que foram diretamente inspiradas pelo Conde d’Eu. Aquí deixamos uma sugestão: A nossa Biblioteca Militar não poderia editar esses capítulos, num volume, com o título Guerra do Paraguai?

Na Argentina, o Autor assiste às comemorações de 25 de maio e anota: “Começa na praça a desfilada da guarnição, — desfilada correta, admirável mesmo, se se considera que os soldados, que passam à nossa vista, são recrutados com oito semanas de instrução apenas. Os uniformes à francesa continuam a alternar com os de molde germânico. Até os últimos tempos a escolta presidencial usava, com pouca diferença, o uniforme dos couraceiros franceses. Hoje, para variar, os transformaram em soberbos uhlanos prussianos. Sempre o ecletismo internacional. Destaca-se o esquadrão de granadeiros de San Martim, que continua a usar, por tradição, — enfim, uma tradição! — o uniforme pitoresco do tempo das guerras da independência. A cavalaria, muito bem montada, demonstra *de visu* os progressos admiráveis realizados pela cria-

ção nacional. A desfilada, compreendendo de dois a três mil homens, termina pela artilharia, armada de canhões Krupp do modelo atual, um pouco em desuso, do exército alemão” (ob. cit. pg. 106).

Num esquema de reporter, destaca: “belíssima tropa, uniforme sobrio e de bom gosto, postura irrepreensível” — adjetiva a policia de La Plata (pg. 78). “Uniforme incerto, um tanto francês, um tanto alemão, mas um índice valioso do cosmopolitismo do ambiente” (pg. 103). “Os Generais presentes, altivos veteranos da guerra do Paraguai ou também das guerras civis, recordam, com a sobria elegância de seus uniformes, o tipo de certos generais de cavalaria franceses” (pg. 105).

Em Mendoza, ao ter contacto com as tropas que guarnecem a região, reflete: “a jovem América se arma, e se arma mesmo até os dentes” (pg. 117).

A Argentina, o Chile, o Perú e a Bolívia já tinham o serviço militar obrigatório e missões militares — alemães na Argentina e Chile, e fancesa no Perú e Bolívia — organizavam o aparelhamento bélico dos exércitos dos nossos vizinhos. E’ interessante observar, que a nossa lei do serviço militar obrigatório é muito posterior.

E, o nosso príncipe-turista acrecenta as suas impressões: “O americano do sul nasce soldado: alguns meses de instrução bem empregados bastam para dele fazer um militar; e até a disciplina, esta filha da longinqua Alemanha, por tanto tempo desconhecida nestas regiões, parece que se vai aclimatando aos poucos. Entre os oficiais de todos os exércitos, qualquer que seja a sua origem, há uma camaradagem que basta para os fazer amigos, desde o primeiro encontro. Nossos camaradas da guarnição de Mendoza timbraram em no-lo provar. Com eles, no refeitório, emborcamos o *champagne*; e mais tarde, no campo de manobras, queimamos a polvora. Em nossa honra, as baterias de montanha expelem *shrapnells* com uma prodigalidade apta para dar que pensar a um oficial habituado à parcimonia européa. Os canhões argentinos, do tipo alemão de 1895, estão algum tanto em desuso; mas os artilheiros recrutados de sete meses, forçam a nossa admiração. Regulado o tiro com algumas descargas, os pequenos flocos azues dos *shrapnells*, perfeitamente acumulados acima dos alvos, se destacam, como um vôo de gaivotas, sobre a muralha sombria da cordilheira. Ao longe, na montanha, o surdo rugir de uma tempestade faz côro com o do canhão. Para terminar, o batalhão de infantaria, impecavelmente

alinhado, desfila diante de nós, no passo vivo e elástico das tropas francesas, deixando-nos impressionados” (pg. 118).

O capítulo XII de *Sob o Cruzeiro do Sul* inicia-se com as palavras: “No Chile a guerra foi sempre a grande preocupação nacional” (pg. 151). Há 20 anos que um oficial alemão, Emilio Korner, trabalha febrilmente para o desenvolvimento e aparelhamento bélico do exército chileno. “No ponto de vista da organização e do uniforme das tropas, nota-se, como era de supor, uma reprodução fiel, talvez em excesso, do exército alemão” (pg. 158).

O visitante assombra-se: “Julga-se sonhar, quando, em Santiago, entra-se num quartel: já não é o Chile, é Hanover ou Potsdam. Porque prodígio de adaptação esses oficiais chilenos, apertados em suas longas fardas azues, que uma única particularidade distingue das sobrecasacas alemães, lograram assimilar até a maneira de andar e os gestos de seus camaradas das margens do Sprée?” (pg. 159).

O exército compreende 4 divisões e 2 brigadas de cavalaria independentes. Numa mobilização, as reservas garantem 150 mil homens perfeitamente instruídos e equipados. “Força formidável”, adjectiva o Autor. A lei do serviço militar obrigatório é de 1900, compreendendo 9 meses de serviço ativo na tropa, 9 anos na primeira reserva e 15 anos na segunda. “O exército parece destinado a ser para o povo uma escola maravilhosa de ordem, de disciplina, de economia e de asseio” (pg. 161). “Nos *mess* dos diferentes regimentos da capital os oficiais nos recebem como camaradas. Inteligentes, instruídos, apaixonados de sua profissão, que conhecem à maravilha, esses moços representam uma classe à parte, laboriosa, sobria, econômica, que se poderia citar como exemplo ao resto do país. Muitos passaram um ou dois anos na Europa: tal serviu num regimento de infantaria alemão, tal outro em um batalhão de pontoneiros austriaco, um terceiro seguiu os cursos de Saumur: — todos adquiriram em suas viagens uma tão grande soma de conhecimentos e de experiência, que sem exagero se os pode considerar como o mais notável corpo de oficiais das duas Américas. Os *mess*, com suas gravuras dos altos feitos do exército chileno, seus trofeus guerreiros ou esportivos, lembram ainda e sempre a Alemanha. Como lá, as refeições são presididas pelo oficial de posto mais elevado. As extremidades da mesa são ocupadas pelos cadetes. Quando um inferior quer beber à saúde de seu superior, primeiramente o faz avisar por uma das orde-

mobilização 12 mil homens constituem as reservas treinadas. Desde 1899, que uma missão militar francesa, composta do Coronel Jacques Sever e de mais 3 outros oficiais, organiza o exército. O visitante formula o esquema de impressões: “Obra considerável realizada por esses oficiais”; “a artilharia principalmente nos prendeu a atenção pela excelência de seu material”; “a bateria de tiro rápido é a primeira, creio eu, em que o princípio do coice independente do canhão tenha sido aplicado à peças desmontáveis”.

Adiante comenta: “Uma das mais curiosas particularidades das tropas bolivianas é o seu aspecto... japonês. Física e moralmente, o soldado aimará e quichúa parece singularmente com o soldado nipon: a estatura, a tez, os olhos longamente rasgados proclamam-lhe a origem asiática; sua frugalidade, resistência, obediência por assim dizer automática só encontram semelhantes entre os súditos do império do Sol Nascente. Por isso, a despeito dos desvios de seus chefes, o exército boliviano, no decorrer do século passado, desempenhou um papel dos mais honrosos. Em quasi todos os encontros com as tropas peruanas saiu vitorioso; durante a última guerra com o Chile, dois batalhões da guarnição de La Paz fizeram em três dias mais de 200 quilômetros de marcha, sem outro alimento além de pequenos sacos de coca que os soldados traziam à cintura” (pg. 273).

\* \* \*

Trinta e cinco anos decorreram, distância que separa as impressões do Autor sobre as forças armadas da Argentina, Chile, Perú e Bolívia, com os nossos dias.

A importância desse depoimento autorizado é deveras valioso, pois permite traçar uma equação, afim-de avaliarmos o grau de proporção no desenvolvimento normal, no progresso, do aparelhamento bélico dos nossos vizinhos sul-americanos.

O fim deste nosso artigo é apenas trazer à cena um depoimento, extraído das páginas esquecidas do *Sob o Cruzeiro do Sul*, livro de edição limitada, hoje quasi uma raridade bibliográfica. Que muitos ensinamentos proporcionam as impressões do Autor, é fato inegável e justifica as páginas que lhe dedicamos. A perspectiva do passado é uma grande mestra.